

Marcas no corpo: capturas do olhar

Yara Amorim Souza Leão

A psicanálise surge na modernidade a partir dos conflitos internos do sujeito e da busca de um sentido singular para sua existência. Hoje, se confronta com uma subjetividade que busca tamponar os conflitos, que se exterioriza, negando a singularidade numa busca incessante pela inclusão e pela igualdade.

Nesse texto buscaremos, de forma bastante introdutória, pontuar algumas questões sobre um fenômeno que se espraia, particularmente, entre os jovens de todas as classes sociais e de culturas distintas: o corpo marcado por tatuagens.

Gostaria de fazer com vocês uma troca, primeiro porque esse é o objetivo do nosso encontro, segundo porque como já anunciei, essas são minhas primeiras reflexões sobre essa questão e por fim esse texto não é uma tatuagem, pois quer mais dizer... Começaremos, então, fazendo um “passeio” pelos conceitos que nos servirão de balizas para que possamos caminhar nesse sentido.

O corpo humano, esse nosso primeiro universo, é constituído subjetivamente a partir dos investimentos pulsionais de um outro humano, entre eles olhar.

O olhar é um conceito complexo que instigou desde os filósofos gregos até os contemporâneos. Ainda que a psicanálise tenha bebido dessas fontes, rompeu com a tradição filosófica ao apontar a diferença entre o olhar e a visão.

Em Freud o olhar é descrito como um impulso de ver e ser visto, de prazer e desprazer, em Lacan o campo visual está circunscrito nos três registros: o imaginário do espelho, o simbólico da perspectiva e o real da topologia, em que se inclui a relação do sujeito ao olhar. A partir do esquema ótico, Lacan tenta explicitar de forma sintética a interação das instâncias do *Eu ideal* e do *Ideal do eu* na imbricação dos três registros. Ou seja, aponta a lógica

da constituição do sujeito como efeito do olhar do Outro. (Quinet,2002; Dor,1995)

Desse momento, tanto lógico, quanto cronológico, o mundo vai se organizar em função desse corpo delimitado pela pele definindo o dentro e o fora. Lacan identifica a distinção de Freud entre o Eu ideal e o Ideal do Eu, afirmando que *“o Ideal do eu é o outro enquanto falante o outro que tem comigo uma relação simbólica sublimada... é ao mesmo tempo, semelhante e diferente da libido imaginária”* (1981, p.166). O Eu ideal se constitui imaginariamente, especularmente quando a criança posta diante de um espelho se reconhece e é reconhecida pela mãe. O efeito desse duplo olhar, onde o sujeito se vê apenas numa reflexão, é o de desconhecimento e de alienação ao outro, ou seja, a captura narcísica do Eu ideal se dá pela impossibilidade do sujeito ter acesso à imagem real.(Rassial, 1999)

Num tempo mítico da vida, o bebê perde a relação privilegiada com o mundo objetual que a Mãe primordial sustentava para constituir-se sujeito, num eu objeto, capenga, dependente, separado da mãe, representado por um corpo fechado pela pele. Ainda que esse fechamento esteja circunscrito ao campo do ilusório, é imprescindível, para que o corpo possa a partir das pulsões, entre elas a escópica, se abrir para o mundo dos objetos.

A pulsão escópica é diferente das pulsões oral e anal, pois não há para ela significantes específicos nem inscrição no inconsciente, a não ser pelo empréstimo dos significantes das pulsões ligados à demanda do Outro. O sujeito vê no Outro a falta no ponto onde vai articular a fala e constituir o caminho do desejo.

Há um júbilo do sujeito diante do espelho, há uma miragem de um eu triunfante, a ilusão do domínio do seu corpo e de tudo que vê, ou melhor, do que não vê, do encobrimento da falta, da castração, pois se a imagem está sempre referida à completude, para a falta não há possibilidade de imagem, pois, não há imagem daquilo que falta, esta é um efeito do simbólico sobre o real, pois não há falta no real e o imaginário é da ordem da consistência em que a falta é velada. A imagem esconde a castração e leva o sujeito a jubilar-se na completude imaginária que vela o objeto que se apresenta como causa do júbilo e que é justamente o olhar (Quinet, 2002).

Quinet, em uma bela passagem nos diz: *"No tocante ao olhar como objeto a esse olhar é por um lado o objeto perdido do Outro e repentinamente reencontrado como agálma, que causa o desejo, pois vem como um a-mais dos objetos **um mais-de-olhar**, com seu brilho de maravilhamento que faz do sujeito um puro efeito de desejo."*(2002,p.65)

Dada à impossibilidade da apreensão, o olhar adquire a função de objeto a por ser exatamente aquilo que se perde, num lampejo, numa miragem. Adquire, então, a significação sexual que, para o humano, está ligada à função fálica e ao complexo de Édipo.

Neste tempo lógico o falo está dividido entre seu valor imaginário e sua função simbólica de significante mestre que vai movimentar todos os outros significantes, para isso é necessária a conjunção do complexo de castração e da constatação da castração da mãe, para transformar essa operação na questão de "tê-lo ou não tê-lo", do "sê-lo ou não sê-lo", numa diferenciação dos papéis masculinos e femininos.

A identificação especular constituída pelos elementos já descritos, vacilam na adolescência com o desmoronamento da consistência parental imaginária do Outro e a modificação da imagem do corpo, há, então, uma exigência da apropriação dessa identificação que sustentava seu olhar a partir do olhar Outro, para simbolizar o olhar como objeto e reatualizar a experiência do espelho onde a alienação ao Outro materno deve declinar, instaurando de forma decisiva a Lei oriunda da Metáfora paterna. Pois, dessa operação, do declínio e da instauração da Lei subjetiva constitui-se o ponto de estofa da estrutura.

A renúncia fálica na adolescência vem confirmar para a moça o fato de ela existir por causa do que não tem, e para afirmar sua existência põe o corpo na dianteira numa tentativa histórica de contrair o significante fálico. Para o rapaz a primazia do significante fálico lhe impõe sua existência à fala, então pra ser homem é preciso ser Mestre e saber-se irremediavelmente só. Daí a exigência de demonstrar coragem diante do perigo e dar a última palavra.

Na adolescência o sujeito, produto do significante fálico, deve se apropriar desse significante, tomar em relação a ele do mesmo modo que deve se apropriar dos objetos caídos do Outro, entre eles o olhar (Rassial, 1999).

Os objetos fálicos são significados de forma singular para cada sujeito, entretanto, no laço social podemos dimensionar o mal-estar de cada momento histórico em relação às operações subjetivas da constituição do sujeito.

O corpo é a matriz da subjetividade que guarda as marcas da nossa chegada, da nossa acolhida, dos nossos desejos, dos nossos prazeres e das nossas frustrações, é o último reduto onde nos recolhemos nos momentos de dor, tristeza e desamparo e é também através desse corpo significado pela palavra que damos sentidos ao nosso sintoma e ampliamos a vida.

Na atualidade, o corpo parece ter sido eleito como o representante do sujeito para lidar com as dificuldades em relação ao outro, em relação ao cotidiano e em relação a sua própria condição de vida.

Quinet (2002) denomina nossa *sociedade escópica* por ser comandada pelo olhar num dar-se a ver, ou seja na sociedade escópica para existir é preciso tornar-se visível pelo Outro, instaurando a renovação do velho cogito religioso: *O Outro me vê, logo eu existo.* (p.280)

No mundo globalizado dos grandes espetáculos onde as imagens em tempo real, fascinam e chocam, onde há sempre um olho-máquina que te vigia, onde os mesmos objetos são oferecidos no mercado como o objeto de desejo para as mais diferentes sociedades, rompendo, dessa forma, com os traços distintivos das culturas, onde o sujeito é visto a partir do objeto que possui.

O corpo tem ficado cada vez mais em evidência, tem buscado as formas valorizadas socialmente para torna-se perfeitos, em que busca da captura do olhar como se esse fosse o objeto capaz de tamponar a falta. Que por ser falta se recoloca insistentemente, provocando um mal estar com o corpo, que em última instância, tem pouco a ver com ele, mas que busca desesperadamente esse olhar que possibilitaria sua existência. Desse engodo surge a cada hora, a cada minuto um recurso tecnológico que promete capturar olhares para um gozo imaginário e fugaz.

São muitas vezes tentativas frustradas de aplacar inquietações, angústias e experiências mais profundas de vazio que apenas no corpo encontram um porta-voz de mensagens incompreensíveis, de pedidos de socorro que não conseguem se fazer ouvir de outra forma a não ser se fazer ver.

Isso posto, falaremos um pouco sobre o fenômeno do corpo tatuado que nos instigou a escrever este texto, sabemos que as tatuagens são práticas milenares.

A tatuagem é uma prática muito antiga, provas arqueológicas mostram tatuagens feitas em humanos no Egito entre 4000 e 2000 a.C. Foi no Egito, também, que a arte da tatuagem viajou o mundo. Por volta de 2000 a.C. a arte da tatuagem se espalhou pela Ásia.

A tatuagem na América é uma barreira ainda para a ciência e história. Foi estabelecido que os primeiros habitantes do México e Peru, conheciam a arte e que mais tarde foi desenvolvida pelas civilizações Maias, Incas e Astecas.

No século XVIII a tatuagem havia se tornado bastante popular entre os marinheiros, particularmente aqueles que navegaram os mares do sul.

No século XIX não havia tatuadores profissionais trabalhando, embora muitos tatuadores amadores estivessem a bordo dos navios e nos grandes portos. A partir de 1920 a tatuagem foi ficando mais comercial, tornando-se mais popular entre americanos e europeus. Mas foi em 1950 e 1960 que as tatuagens ganharam mais e mais adeptos.

As tatuagens no ocidente sempre foram marcas identificatórias de grupos considerados à margem do socialmente aceito. Essa escrita corporal com seus signos próprios identificavam o sujeito ao seu grupo, diferenciando-o da sociedade burguesa.

Hoje, a adesão às tatuagens, criou uma massa homogênea não possibilitando mais a identificação a um grupo de pertença, parece-nos que se por um lado a tatuagem é um desafio à alteridade familiar, uma forma de identidade posta pela visibilidade que o signo comporta, é a expressão escrita que substitui a fala, “sou aquela da borboleta nas costas”.

O jogo fálico da significação dos objetos para o adolescente, encontra na tatuagem uma expressividade: a minha é maior, mais bonita, agüento mais dor, etc. Mas não possibilita a continuidade do jogo, pois congela no corpo aquilo que produz as trocas simbólicas, ou seja um significante para outro significante.

A questão é que signo tatuado diz o que havia para ser dito, fica no corpo a marca indelével do que não pode ser ressignificada, então é preciso

fazer outra tatuagem para dizer mais “quando a gente faz uma tatuagem quer logo fazer outra”. Dessa forma vai-se tatuando o corpo como um mais a ser dito e deve ser desesperador quando não há mais pele para escrever o mais dizer.

Gostaria de fazer com vocês uma troca, primeiro porque esse é o objetivo do nosso encontro, segundo porque como já anunciei essas são minhas primeiras reflexões sobre essa questão e por fim esse texto não é uma tatuagem, pois quer mais dizer...